

RUBEM BRAGA

LOBATO

Li apenas o primeiro volume (o segundo sumiu) do bom livro sôbre a vida e a obra de Monteiro Lobato que Edgar Cavalheiro escreveu. E outro dia fiquei pensando na influência tremenda que Lobato exerceu; influência muito maior do que parece à primeira vista, porque foi extensa e profunda.

Eu me lembro quando o conheci em São Paulo. Com aquela simpatia, aquela generosidade fabulosa que êle dedicava a todo moço, e que o levava a fazer os prefácios mais descaradamente elogiosos a qualquer obrinha de autor novo, êle me abraçou e disse que eu alterara um dia de sua vida. Como? Eu escrevera uma crônica sôbre um almôço mineiro, falando de couve, lombinho de porco, tutu, torresmo. Êle disse que leu e ficou com água na bôca: telefonou para casa, cancelou um almôço a que tinha de ir, mandou fazer um «virado» mais ou menos assim. «Você é um escritor! — êle me dizia — isso é que um escritor, um homem capaz de fazer a gente sentir fome!».

Monteiro Lobato fazia um pouco mais que isso; fazia e fêz, na realidade, o brasileiro ter fome de ferro e de petróleo, ter fome de resolver seus problemas de base. Foi êle, êle sôzinho, êle muito mais do que qualquer partido ou campanha, que meteu na cabeça do povo — do menino, do velho, do militar e do paisano, do médico e do operário — estas duas verdades simples, fundamentais: de que o país precisava formar seu esqueleto de ferro e de que tínhamos petróleo e devíamos e podíamos explorá-lo nós mesmos.

Foi inutilmente que um dos mais poderosos «trusts» do mundo mobilizou contra êle tóda a fôrça de seus advogados administrativos, seus técnicos, sua imprensa, seus políticos, seus homens de negócios: sôzinho, com sua pena, êsse fabuloso escritor venceu.

Não importa que o seu forno elétrico não fôsse uma solução para a nossa siderurgia ou que suas pequenas companhias particulares não fôssem uma solução para nosso petróleo; o que importa é que Lobato deu ao Brasil a consciência profunda de suas próprias necessidades e de sua própria capacidade.

Não sou um pessimista. Acredito que êste país chegou a um ponto tão avançado de seu progresso industrial que não será mais possível detê-lo. Isto não é mais uma colônia. O Brasil vai em frente. E quem lhe deu ordem de marchar não foi nenhum político, nenhum general, nenhum técnico nem homem de negócios: foi, para honra dêste pobre ofício de escrever, um simples escritor, José Bento Monteiro Lobato.